

**RICARDO
ADOLFO**



**A CHEFE
DOS MAUS**

Questionário de admissão

Antes de entrar no elevador, lembrei-me da primeira vez que ali chegara e do questionário que me pediram para preencher depois da entrevista. Devia ter considerado se aquelas eram as perguntas a que queria responder, em vez de me deixar guiar pela necessidade de tentar fazer sempre tudo bem. Mesmo quando era muito mau.

Já alguma vez foi preso/a?

- ☐ Não
- ☐ Sim, 1 vez
- ☐ Entre 2 a 6 vezes
- ☐ Mais de 6 vezes

Em que situação/situações considera que deve fugir à autoridade?

- ☐ Quando não sabe porque o/a estão a perseguir
- ☐ Quando é difícil explicar os seus actos
- ☐ Quando estiver a transportar algo que não devia
- ☐ Quando estiver atrasado/a para algo importante

Qual das seguintes actividades pode resultar em pena de prisão?

- ☐ Despejo de corpos em campos abandonados
- ☐ Uso de armas de fogo contra civis
- ☐ Venda de estupefacientes a menores
- ☐ Nenhuma das anteriores, se não houver provas

O uso de armas de fogo é proibido por lei. Em que situações é justificável?

- ☐ Quando alguém abre fogo primeiro
- ☐ Quando se corre perigo de vida
- ☐ Quando é preciso manter o respeito
- ☐ Quando se tem um mau pressentimento

Qual das ferramentas não é ilegal levar em viagens de trabalho?

- ☐ Revólver ou pistola automática
- ☐ Navalha de 12 cm
- ☐ Catana
- ☐ Bastão de baseball

Quanto deve cobrar por um enxerto de porrada?

- ☐ 50 000 ienes
- ☐ 500 000 ienes
- ☐ 1 000 000 de ienes
- ☐ Depende das mazelas requisitadas pelo cliente

Ser pago para exercer coacção física é

- ☐ Ilegal
- ☐ Uma fonte de rendimento

- ☐ Algo que já não se usa
- ☐ Para ser feito discretamente

À porta do escritório encontra um camião de entrega de jóias sem condutor nem guarda por perto. Que deve fazer?

- ☐ Levar o maior número de itens no menor espaço de tempo
- ☐ Conduzir o camião até um armazém seguro para recolher toda a mercadoria
- ☐ Telefonar a pedir reforços
- ☐ Seguir em frente (o perímetro à volta do escritório é considerado zona protegida)

Quando é apanhado/a em actividades ilegais, quem mais pode ser responsabilizado?

- ☐ Os seus progenitores
- ☐ A esposa ou o esposo
- ☐ O chefe directo
- ☐ Ninguém, se ficar caladinho/a

Ainda tem todos os dedos inteiros?

- ☐ Sim
- ☐ Não

Em caso negativo, explique porquê de forma sucinta.

Evite usar nomes reais.

As actividades de burla e extorsão nas redes são ilegais.

Explique sucintamente como e quando podem ser efectuadas.

Seriedade, Honestidade e Legalidade

No espelho, ao lado dos botões do elevador, fixei os danos dos últimos meses, alguns deles dentro. O olhar de quem não arriscava pestanejar, não fosse um camião abalroar-me, o contorno dos lábios invertido, mais o nariz demolido sem concerto. Ganhara um vale com direito a sombra entre os maxilares e uma falha na sobrancelha esquerda que não tentava disfarçar com o lápis. Devia, mas não o fazia. Tinha orgulho nas três sobrancelhas, assim como na cicatriz horizontal no queixo. A pele inocente e luminosa, trocara-a por outra um pouco desfocada, mais eficaz quando precisava de desaparecer numa das multidões de cabeça baixa que enchem os comboios às voltas pela cidade. Só os lábios permaneciam sem mazelas, o que era um feito para alguém na minha área de negócio. Por mais que levasse na boca, não ficava marca nenhuma para contar a história.

Não era só o rosto que me dizia como mudara desde que subira naquele mesmo elevador pela primeira vez. As camisolas de lã felpuda tinham sido trocadas pelo fato preto assimétrico de bandas largas, que não deixava que se me percebessem as formas nem os gestos. A camisa branca, demasiado comprida e sem gola, podia ter sido roubada ao

estendal de um monge. Não fora, mas podia, de tanto que foderia o carma.

Se a batida cardíaca se lesse nos olhos, eu teria o coração de uma preguiça, ou alguém mo roubara e no seu lugar colocara uma pilha para cumprir os serviços mínimos. A segunda hipótese era a que me parecia mais eu mesma. Há muito que sentia um buraco encajado no meio dos pulmões. Um vazio que todos os dias tentava encher com o fumo de vários maços de Esperança, os cigarros dos trolhas na opção superleve, com seis miligramas de alcatrão e meio de nicotina. Uma composição feita a pensar nas senhoras por alguém com poucos gramas de imaginação. Quando a estratégia era produzir algo específico e único para o grupo-alvo feminino, a resposta perfeita era igual à versão dos gajos, mas mais levezinha. Estávamos habituadas a pagar mais por menos. E adorávamos sempre a versão Leve. Na ânsia de que nada nos engordasse, nem o fumo do tabaco escapava.

Para a maioria das moças, o meu visual era um conjunto de néons muito luminosos a piscar tragédia. Para mim, era a vantagem no beco de negociações, visto que já não andava a trabalhar para encher o lar com criancinhas, férias com pacote extra de luxo ou máquina nova de fazer arroz. Quando entrava nas ruelas, mostrava logo ao que ia. Uma linha de raciocínio óbvia e útil, tendo em conta a surpresa com que costumava ser recebida naquelas reuniões. Como já despachara vários que se tinham recusado a reunir com alguém de batom 466 Carmen, não era o maior problema da minha vida. A palavra andava na rua há algum tempo e só os mais distraídos ou os estagiários ainda me olhavam por

cima do ombro, à espera de verem chegar alguém digno de uma vénia.

Mesmo assim, sentia saudades das cores que me tinham sido saqueadas, tal como das minissaias de cabedal e dos decotes que deixavam ver o rebordo bordado do sutiã. Ganhara o dobro em rugas e em manchas aleatórias da testa às bochechas. Um mau negócio que me fazia parecer mal.

Ao meu lado, no elevador, seguia um homem de salário dentro de um fato tão mal cortado, que o mais provável era que não fosse um disfarce. É de louvar a coragem para se sair à rua naqueles termos. Se tivesse um cartão comigo, dava-lho, para que me ligasse. Moços destes eram raros nos dias que corriam. No entanto, se fosse um tanga, podia estar ali para me forçar a sair num piso a meio caminho, onde os seus colegas estariam à minha espera de peito feito e intenções pouco saudáveis. Dado que não tinha como chegar atrasada à reunião das 15h30, fiz-lhe as contas. Não era possível que alguém andasse voluntariamente de mangas pelos joelhos, ombreiras nos cotovelos e bainhas por debaixo do tãcão. Era demasiada ironia junta. Mais um ponto que me fazia apreciar o moço. O sentido de humor dava-lhe um ar fofinho. Tudo somado, entre o quarto e o sétimo andar, o meu chininho por estrear perfurou-o entre a quinta e a sexta vértebra, direito à aorta. Quando se chega ao coração de um homem, percebe-se logo. É o músculo mais mole. Em alguns casos nem se consegue entender aonde é que vão buscar a força para respirar. O homem de salário não teve tempo de processar o que lhe acontecera. Coitadito, não se faz. Se calhar ainda se acha vivo. Evito sempre fazê-los sem um sorriso ou uma nota prévia,

mas neste caso estava mesmo atrasada. Era o tipo de reunião em que uma mulher não se pode esticar. Não só não fazia o meu género, como poderia dar a impressão errada. Quantas vezes isso não fora fatal para tantos outros com muito melhor reputação do que a minha. Chegar antes da hora gritava a ansiedade da artista, afogueada, incontinente. Chegar atrasada gritava ainda mais alto o medo que me comia a força das pernas. Em ambos os casos, era provável que acabasse numa ruela pouco perfumada, numa argumentação mais física do que intelectual. A cidade mais apinhada do Universo tinha becos muito privados. Mesmo assim, não é o tipo de local onde uma moça aprecie ser vista, menos ainda a ser esmurrada.

Deixei que o corpo dele me caísse nos braços, como a sua amante paga à hora decerto faria, e no vigésimo quinto andar arrastei-o até à recepção. Só aí retirei o chininho que me pertencia e deixei que o sangue lhe abandonasse o corpo. A moça da recepção não revirou os olhos, mas queria muito. Empatia para os que lhe chegavam sem vida não era o seu forte. De pouco lhes poderia valer e agora tinha ali afazer para a tarde inteira. Algo que não estava na agenda do seu dia, que deveria incluir intervalos vários para idas à casa de banho e outras pausas para ir laurear, onde recolheria informações estratégicas sobre o bem-estar e o mal-estar do pessoal. Limpei o sangue à camisa do homem de salário e devolvi o chininho à caixinha de veludo. Fora uma compra impulsiva, no prego da cidade vocacionado para clientes criminosos. De brincos a chinos, tinham sempre de tudo.

A moça tomou conta da minha encomenda com o sorriso de quem achava que, se eu era uma puta duma cabra que

conseguia dar cabo deles no elevador, também era mulher para limpar de seguida a merda que fazia. Sorri-lhe de volta. Não me esqueceria das suas ganas. Seria uma das minhas primeiras promoções assim que tivesse orçamento.

Os restantes empregados da EDM que iam passando pela recepção continuaram a debater os seus assuntos vitais. Todos mais importantes do que a ausência de vida no meio do *hall* de entrada, que contornavam como uma encomenda esquecida. Sabiam que aquela inconveniência era da responsabilidade de outro. Logo, tinham licença para ignorar o corpo que vazava mais de cinco litros de sangue, encharcando toda a zona de espera. Iluminada por focos muito mais fortes do que o necessário, a recepção, com paredes cinzento-claras e pavimento de linóleo cinzento-escuro, ostentava os valores da EDM em tamanho de cartaz de auto-estrada — Seriedade, Honestidade e Legalidade. O último ade soava um bocadinho forçado, um nada a mais que suscitava questões, mas como fora ideia do Chefe dos Chefes tinha sido aprovada com maioria absoluta. Em degradê de brancos, era o aviso à navegação. A ladear os valores, duas bananeiras de plástico anãs ambicionavam acrescentar natureza ao espaço, sem qualquer tipo de ironia. Alguém reunira com outros seres inteligentes e, em conjunto, chegaram à conclusão de que aquela era a resposta mais adequada para a decoração do espaço de entrada. É fantástico o que se pode concluir numa reunião. Se mais reuniões se fizessem por esse mundo fora, tudo seria um pouco mais idiota e uma fonte de alegria para os dias de todos nós.

Os poucos clientes que esperavam a sua vez deviam ser figurantes, visto que nenhum teve um ataque cardíaco

ou de vômitos. Limitaram-se a levantar os pés quando a moça da recepção passou enresinada, de esfregona na mão. Uma estrela social em ascensão, não precisava de ser vista em tarefas dignas de quem tinha menos de cem seguidores.

Inspirei o calor que lhe fugia do corpo. Cada cadáver oferece uma expressão aromática única. Às vezes, só depende do que o desgraçado em questão comeu. Aquele cheirava a quem não tomara um pequeno-almoço com todos os elementos de uma refeição nutritiva. Devia ter engolido um *onigiri* de atum com maionese e um café em copo de papel, ao balcão da loja de conveniência, a caminho para o trabalho. Se soubesse o que o esperava, era provável que se tivesse levantado mais cedo, para saborear uma taça de arroz acabada de fazer, acompanhada por uma sopa de miso quente, uma postinha de salmão grelhada e uns pepinos feitos pickles. No meu caso, quando chegava a hora de comer, fazia um esforço para não vacilar. Se qualquer refeição podia ser a última, era sempre digna de atenção. Tal qual a roupa interior. Convém nunca acabar de cuecas ruçadas. Era a diferença entre dizerem — olha aquela, foi-se de La Perla; ou, coitada, mais vale assim, já nem tinha que chegasse para as cuequinhas.

Endireitei-me. Gostei de me sentir de saltos altos. Não conhecia ninguém que conseguisse correr mais rápido do que eu com saltos tão íngremes. Nem quem fosse capaz de arrancar um olho com a minha delicadeza, apenas com um tacão. Se o destino queria que ficassem zarolhos, parecia-me simpático que guardassem um dos meus tacões como última visão. Sabia de histórias de horror de olhos arrancados com

colheres de sopa rombas. Uma violência desnecessária, a meu ver. Fosse qual fosse a natureza da tarefa, era sempre importante não perder a compostura. Quando se vão as maneiras, nada mais digno nos resta.

De ti não quero nada, cantava-me a voz no ouvido direito quando empurrei a porta de acesso ao espaço de trabalho comum, onde os colegas fingiam fazer algo que não fosse criminoso. Não sabia se estava feliz ou puta da vida por estar de volta. Sentia-me entre a angústia do primeiro dia de escola e as saudades dos coleguinhas. Queria muito matar saudades de quase todos, e os restantes queria apenas executá-los sem demoras. Adiar a morte de alguém que sabe que tem os dias contados é de uma indelicadeza desnecessária.

Como mandavam as regras da aparência, todos os empregados se entretinham a enviar emails e a deambular pelo espaço moderno com folhas de papel cheias de caracteres. Deslocações no local de trabalho de mãos vazias eram sinónimo de quem tinha pouco que fazer, e isso poderia atrair um número infinito de tarefas aleatórias, adjudicadas por um chefe em trânsito. No caso dos chefes, o código funcionava na lógica oposta. Quem se deslocasse de papéis ou pastinhas na mão, era porque não sabia delegar e se via forçado a fazer as tarefas pessoalmente. Um exemplo de chefe que não chefiava. Uma contradição com pouco futuro. Acabavam quase todos a gerir coisa nenhuma, até fazerem uma asneira que os conduzia ao baldio ao pé do rio para uma reunião sem passos seguintes.

Quem me reconheceu não quis acreditar no que via, e os que não me reconheceram não quiseram acreditar no

que viriam a ver. De facto, a minha conduta não foi exemplar nesse dia. Há uma razão pela qual esta cidade está cheia de ruelas ladeadas por paredes cegas. Resolver questões laborais no local de trabalho é de evitar. Foi um mau exemplo que prometi não repetir.

Muito mais devagar do que o necessário, passei pelo escritório envidraçado do Chefe do Dinheiro, fazendo a vénia que me competia. Repeti o gesto diante do escritório do Chefe da Internet, do Chefe de Produtos e do Chefe de Serviços. Ninguém me reconheceu de fato novo. Devem ter pensado que era mais uma daquelas modernas que gostam de usar indumentárias imbecis, das lojas mais caras e menos sorridentes da cidade. As que treinam os seus empregados para serem rudes com os comuns, como eles. Pior do que não fazer uma venda é fazê-la a quem vai democratizar a marca. Há logos que se querem elitistas, só assim conseguem continuar a roubar sem que ninguém chame a polícia.

Duas secretárias antes do gabinete envidraçado do Chefe dos Chefes, poisei a Alma preta no canto esquerdo da mesa da nova assistente. Lá de dentro retirei a fusca por estrear, não registada. Enfiar nove milímetros de aço polido e reluzente a duzentos e trinta e quatro quilómetros por hora, entre os olhos de quem nos educou e abusou mais do que alguma vez ambicionámos, merecia uma Minebea P9 novinha em folha.

A nova assistente limpou a Alma de cima da mesa e colocou-a aos seus pés, no cestinho onde pertencia. A mãe ensinara-lhe que as malas não se põem no chão, e não era agora, que finalmente tinha uma por perto que não a envergonhava, que ia começar a abandalhar.

Dentro do cubículo do Chefe dos Chefes, fiz uma vénia lenta e acentuada, mão esquerda acima do útero e a outra perdida dentro do fato. O Chefe sorriu-me enquanto tirava uma chuinha da caixinha de Clorets lima-limão. Tinha sempre um hálito de garoto, a condizer com o sorriso imutável.

Ouvi tudo o que me queria dizer, respondi-lhe com o devido respeito, e sorri de volta. Ergui a mão direita à altura da sua testa num gesto treinado durante todo o tempo que estivera dentro, de frente para o buraco no estuque igual à sua silhueta. Aconcheguei o gatilho como ele me ensinara alguns anos antes, e inspirei, certa do que tinha para lhe dizer.

O meu estrondo foi seguido por outro e mais outro, vindos dos restantes gabinetes privados. Os chefes tombaram todos às saias da nova direcção. Quem depunha chefe, chefe se tornava. Assim dizia a mais antiga lei do nosso negócio.

Baixei a arma e os nervos. Um estrondo não planeado fez-se ouvir atrás de mim. Veio acompanhado de uma onda de calor que se espalhou do gémeo até à lateral direita do pescoço. Eram muitos sinais muito juntos de que vinha aí merda.

A Chefe dos Maus

«Cada um tem o chefe que vem agarrado ao negócio. Não é carma, nem sorte, nem azar. É só a merda que é.»

Num beco de Tóquio, a sucursal de uma empresa de criminosos recebe uma directriz da sede para aumentar a diversidade nos quadros de direcção. Todos resistem, menos o Chefe dos Chefes. Ciente de que, se quer continuar vivo, deve fazer o que lhe sugerem, promove a sua assistente a estagiária de chefe.

Boicotada pelos colegas e pela falta de confiança, a assistente decide fazer o impossível para ser bem-sucedida. E, de um dia para o outro, está a gerir bares de alterne, a fazer cobranças difíceis e a chinar clientes. Para sua surpresa, descobre que é óptima a praticar o mal, mas a sua nova ambição pode ter consequências fatais.

Partindo da experiência de uma década a viver no Japão, Ricardo Adolfo faz uma reflexão corrosiva sobre o trabalho contemporâneo e a ética das empresas imorais. *A Chefe dos Maus* é uma viagem pelo submundo de Shinjuku, onde o autor de *Tóquio vive longe da Terra* revela outra face de uma cidade tão fascinante como ambígua.



«Sou leitor do Ricardo Adolfo. Espero sempre com ansiedade o próximo livro. Sei que me acontecerão muitas coisas, sei que será literatura de canos serrados.»

Afonso Cruz

«Uma maneira de falar completamente nova na literatura portuguesa.»

António Lobo Antunes

«O poder explosivo da prosa de Adolfo reside no facto de ele examinar cuidadosamente as deficiências humanas e sociais do nosso tempo.»

Ulf Lundén, *Dala-Demokraten*, Suécia

(sobre *Depois de morrer aconteceram-me muitas coisas*)



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt



[companhiadasletrasportugal](https://www.facebook.com/companhiadasletrasportugal)

ISBN: 978-989-784-926-8



9

789897 849268